

A (DES)CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES DE GÊNEROS EM LIVROS DIDÁTICOS DE PORTUGUÊS

José Carlos Ferreira Júnior
Universidade de Pernambuco
carlosdez@hotmail.com

Jaciara Josefa Gomes
Universidade de Pernambuco
jaciara.gomes@upe.br

Resumo: A construção da identidade na sociedade moderna tardia se encontra fragmentada, não havendo uma única centralização do sujeito, pois, esse tem sua identidade indefinida, perpassando por constantes influências dos grupos sociais a que se vincula. Em razão disso, justifica-se esse estudo. Nesse campo, compreendemos que o discurso é moldado através das relações de hierarquia e ideologias da/na sociedade, portanto neste artigo, se obstina perceber a (des)construção de identidades de gênero feminino, nos textos, pontuando-a, a partir da presença ou não de estereótipos. Essa investigação é realizada nos Livros Didáticos de Língua Portuguesa do triênio 2014-2016. Assim feito, analisamos os aspectos intertextuais de representações masculinas e femininas, a fim de se discutir filiações ideológicas que podem ser imbricadas na construção identitária que deve ser embasada numa formação voltada para atenuação de preconceitos. Para tanto, fez-se uso da Análise Crítica do Discurso (ACD) a partir dos estudos de Fairclough (2001) por entender o discurso como prática social que gera mudanças, e por demonstrar propriedade no que tange à hierarquia presente em ideologias. Os resultados apontam para manutenção de identidades hegemônicas, pois os livros se utilizam de textos que posicionam os sujeitos a partir do gênero, reforçando representações presentes no sujeito cartesiano e reproduzindo ideias preconcebidas e estereotipadas.

Palavras-chaves: Identidade. Livro Didático de LP. Discurso e Intertextualidade. Representação de Feminilidades.

LA (DES)CONSTRUCCIÓN DE LA IDENTIDAD DE GENERO EN LOS LIBROS DIDÁCTICOS DE PORTUGUÉS

Resumen: La construcción de la identidad en la sociedad moderna tardía se encuentra fragmentada, no habiendo una única centralización del sujeto, pues, ese tiene su identidad indefinida, atravesando por constantes influencias de los grupos sociales a los cuales se vincula. En razón de todo esto, se justifica este estudio. En este campo, comprendemos que el discurso es moldeado a través de las relaciones de jerarquía e ideologías en la sociedad, por lo tanto en este artículo, se obstina percibir la (des)construcción de la identidad de género, femenino, en los textos, *puntuando*, desde la presencia o no de estereotipos. Esa investigación

es realizada en los libros didácticos de lengua portuguesa del trienio 2014-2016. Así hecho, analizamos los aspectos intertextuales de representaciones femeninas, con el objetivo de discutir filiaciones ideológicas que pueden ser imbricados en la construcción de identidad la cual puede ser cimentada en una formación vuelta para atenuación de prejuicios. Por lo tanto, se hizo uso del análisis del discurso crítico (ADC), partí de los estudios de Fairclough (2001) para entender el discurso como práctica social que produce cambios, y para demostrar propiedad en lo que toca la jerarquía presente en ideologías. Los resultados indican para manutención de identidades hegemónicas, pues los libros se utilizan de textos que posicionan los sujetos cartesianos reproduciendo ideas preconcebidas y estereotipadas.

Palabras clave: Identidad. Libro didáctico de LP. Discurso y Intertextualidad. Representación de la Femenidad.

INTRODUÇÃO

A identidade social vem passando por diversas fragmentações na modernidade tardia, implicando em sujeitos descentralizados, como aponta Hall (2015), e estes vão construindo suas identidades de forma dinâmica e não fixa. Os indivíduos se ligam aos grupos e formam suas identidades. Assim sendo, vamos partir dessas ideias sobre identidades sociais para estudá-las no discurso. É através do discurso que as pessoas constroem suas identidades sociais e se posicionam no mundo.

Podemos perceber que o discurso exerce influência na construção da identidade e por isso sua importância dentro dessa perspectiva de momento da prática social. Hall (2000, p. 109) salienta que “é precisamente por que as identidades são construídas dentro e fora do discurso[...]” que devemos voltar o nosso olhar para a prática social que o põe em uso. Este artigo tem por objetivo perceber como as identidades são formadas nos livros didáticos do sétimo ano de língua materna, se há diferença no trato entre os gêneros masculino e feminino.

A construção de identidades se configura como ferramenta eficaz para se notar a prática discursiva em atuação, e a mudança social efetivada, “aquilo que a pessoa é, ou sua identidade social é exatamente o que é definido nos e pelos discursos que a envolvem ou nos quais ela circula[...] a constroem” (MOITA LOPES, 2003, p. 20). É sabido que é através da linguagem que nos posicionamos em grupos sociais, construindo nossas identidades. Os

estudos apontam que o discurso é moldado através de relações de hierarquia (VAN DIJK, 2008) e ideologias (FAIRCLOUGH, 2001).

Desse modo, é evidente que o professor de Língua Portuguesa (LP) necessita ter consciência de que o discurso a partir das ideologias é atuante no espectro social tanto de ordem política e quanto na hierárquica. Portanto, se faz indispensável uma reflexão acerca deste fenômeno tanto para a sala de aula no que tange à leitura e à escrita (OLIVEIRA, 2013) também para a formação social dos jovens que estarão expostos ao Livro Didático de Língua Portuguesa (LDLP), uma vez que, a escola deve ser um espaço de construção de valores, e que respeite a diversidade. Cada indivíduo dispõe hoje de informações representativas de diferentes modos de viver, ainda que homem ou mulher. A dimensão básica de identidade é objeto de diferentes representações. Ferrarezi (2008, p. 74) defende que “a nossa formação cultural interfere na maneira como vemos o mundo e atribuímos valores a tudo o que conhecemos”. A pesquisa é de caráter qualitativo. Os materiais utilizados nesta pesquisa são os Livros Didáticos de Língua Portuguesa (LDLP): *Português Linguagens* de Willian Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães (2012) triênios 2014-2016 e o *Vontade de Saber Português* de Rosemeire Alves e Tatiane Brugnerotto (2012)¹ triênios 2014-2016. Os presentes livros foram escolhidos por ser utilizados em escolas públicas do Estado de Pernambuco, inclusive o primeiro é utilizado no Colégio de Aplicação de Garanhuns, o outro na Escola Municipal Joaquim Nabuco, na qual realizei meus estágios. Inclusive, aprovados pelo Programa Nacionais do Livro Didático (PNLD). A coleta do *Corpus* ampliado foi realizada tendo em vista reunir as formas de representação de masculinidades e feminilidades em textos verbais e não verbais.

Neste artigo, fizemos o recorte de três textos acompanhados de suas figuras. No *Corpus* restrito, investigou-se os aspectos intertextuais de representações masculinas e femininas, afim de discutir relações de poder, bem como filiações ideológicas que podem estar imbricadas na construção identitária embasada numa formação escolar cidadã. Foi selecionada a seção de estudos do melhoramento da escrita que possui textos e promove a

1 Referências dos livros analisados:

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Tereza Cochar. **Português Linguagens, 7º ano:** Língua portuguesa. 7. ed. reform. São Paulo: Saraiva, 2012.

TAVARES, Rosimeire Aparecida Alves; BRUGNEROTTO, Tatiane. **Vontade de Saber Português, 7º ano:** Língua portuguesa. 1. ed. São Paulo: FTD, 2012.

língua padrão, intitulado de “Língua em Foco” para o livro *Português Linguagens*. Já no *Livro Vontade de Saber Português*, a de “Estudos da Língua em foco” que tem o mesmo propósito. Ambos contêm um total de 12 seções cada, direcionadas à leitura e escrita, sendo uma por capítulo. Por se tratar de uma área de leitura na qual o discurso é posto em ação, se faz um campo favorável para a proposta deste estudo.

No primeiro tópico deste artigo, a pesquisa se desenvolve através da ACD, teoria esta, desenvolvida por Fairclough (2001), e utilizada para analisar o corpus do presente estudo. O discurso nessa teoria é analisado em três dimensões: textual, prática discursiva e prática social, a última sob a égide da intertextualidade que indica o processo que se constrói nas práticas discursivas e como estas são moldadas, reciprocamente imbricadas nas diversas partículas textuais que compõem o discurso. A ACD se mostra eficiente no estudo da relação entre discurso e interação social, portanto, é uma abordagem importante para este estudo, pois, além de observar a linguagem como substancial da vida social, observa também a linguagem como atuante em outras esferas da vida humana: política, filosófica e sociológica. Auxilia na percepção acerca dos efeitos sociais de textos, sobretudo na contribuição para as mudanças sociais.

No segundo tópico do artigo, enfatizou-se como a formação dos sujeitos é influenciada de maneira geral pelo discurso, através da ideologia, de preconceitos e dos conhecimentos que são obtidos através dele. Portanto, iremos voltar nosso olhar em como as identidades sociais são construídas, no discurso Livro Didático doravante (LD), pois esperamos ao fim da pesquisa qualificar os possíveis abusos de poder, exercidos pelas elites simbólicas, em contato direto com jovens em formação e que por tanto, lhes inculca formas de ser e de agir, legitimando ou não formas de preconceitos e estereótipos em suas identidades. Visto que, “após a mídia, o discurso educacional é o mais influente na sociedade” (VAN DIJK, 2015 p. 148) é de fundamental importância que este seja repensado a combater o preconceito. Cada indivíduo deve possuir uma formação cultural que o auxilie a ter acesso a diferentes modos de viver, ainda que homem ou mulher, pois numa dimensão básica de identidade é objeto de múltiplas representações e por isso, a ocupação deste estudo na investigação da construção identitária.

ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO: UM RECORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO

Em sua teoria social do discurso, Fairclough (2001) apresenta uma definição para o termo discurso que revela um novo uso para a aplicação da linguagem tratando-a como prática social, situando-a desse modo historicamente. Nesse cenário, o discurso é igualmente constituído socialmente e a partir das identidades sociais, vínculos sociais e padrões de conhecimento e credos, bem como é constitutivo do ser. Vejamos:

Ao usar o termo “discurso”, proponho considerar o uso da linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais. [...] implica ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91)

Desse modo, Fairclough, (2001) assinala que o discurso contribui para formação de todas as dimensões da estrutura social, além do que esse também é ao mesmo tempo moldado e restringido por essas mesmas normas sociais, mesmo que indireta ou diretamente. Adiante discutiremos a intertextualidade, elemento esse que está inserido dentro da categoria analítica da prática discursiva. O autor deu uma ênfase significativa à Intertextualidade, pois ressaltava que essa é a propriedade que os textos têm de serem compostos por partículas de outros textos, podendo esses fragmentos serem delimitados de forma explícita ou miscigenados de modo que o texto os possa absorver, contradizer, ironizar e etc. Desse modo, podemos explorar tanto como os elementos femininos e masculinos são representados através de convenções ideológicas no discurso quanto o seu caráter ideológico. Pois, como aponta o autor, discurso encarado à luz da prática social, pode ter sua análise orientada pela categoria analítica da ideologia.

Um discurso em especial pode possuir sugestões de interpretações do que existe, do que pode acontecer ou daquilo que seja necessário, almejável. Portanto, tais sugestões podem ser ideológicas, direcionadas às relações de dominação e de poder (RESENDE e RAMALHO, 2013). Devido ao fato de o discurso ser moldado pelas práticas sociais ele pode reproduzir formas de hierarquia consequentemente de dominação, isto é, instrumentos eficazes de estabelecimento de desigualdades sociais. Desse modo, as ideologias operam imersas em práticas discursivas se efetivando de modo a serem naturalizadas a ponto de atingirem a

categoria de senso comum. (FAIRCLOUGH, 2001). Assim, uma discussão do papel do LD para ensino/aprendizagem de LP vem sendo traçada desde de 1993, como parte das políticas públicas para educação nacional. O crescente interesse pelo LDLP, tanto na universidade, quanto na opinião pública é equiparado ao retorno do recalcado da psicanálise (EGON, 2000). Algo que se pretendeu excluir do consciente, ou seja, sem enfrentamento direto, pois, evitou-se falar no LD um longo período para que não houvesse a necessidade de tocar em assuntos pertinentes a precariedades das escolas, péssimas condições de trabalho dos professores (EGON, 2000). O LD era encarado como de baixa qualidade, por isso, a escola era de baixa qualidade, já que o livro era central no trabalho em sala de aula. Partindo das avaliações, o PNLD foi capaz de pôr em vigor padrões específicos para o LDP. Isso se deu devido às reflexões sobre a forma de ensinar língua materna possibilitando a mudança de paradigma (EGON, 2000).

A partir do momento em que língua e linguagem foram encaradas dentro da perspectiva da Análise Crítica do Discurso, outras considerações devem ser feitas sobre o ensino de língua portuguesa, pois, os conhecimentos das nuances da linguagem até então passavam despercebidos pelas ciências da linguagem. O termo discurso de forma geral pode ser encarado como “linguagem posta em ação – e necessariamente entre parceiros ” (BENVENISTE, apud EGON, 2000 p. 16). Desse modo, se diferencia da concepção da gramática, que o entende por sistema ou códigos. Assim, o discurso é posto como a linguagem em uso, entre indivíduos que fazem parte do mesmo contexto histórico e social. Logo, o ensino de Língua Portuguesa deve contemplar formas de (inter)ação e seu foco não pode ser apenas o conjunto de informações acerca da língua. Essa concepção de língua e linguagem calcadas pelo discurso expandiu o conhecimento disponível acerca dos procedimentos linguísticos de construção e reconstrução de sentidos. Isso propiciou ver a leitura e a escrita sob uma nova óptica, da qual podemos perceber a interação dos indivíduos através de textos, produzindo efeitos de sentido específicos. Portanto, nesse procedimento se elaboram táticas e esquemas de compreensão textual, bem como a relação de si para consigo a tal ponto que tanto o ler quanto o escrever devem ser elencados como modo de viver (EGON, 2000). As perspectivas de letramento, orientadas por concepções sociais da linguagem, vêm mostrando em minúcias o viés sócio-histórico da modalidade escrita. A escrita é vista como

fragmento inseparável de práticas e contextos próprios das sociedades letradas tendo seu papel sociocultural resvalado (EGON, 2000). Considera-se que o LD deve possuir um conjunto de valores que garantam sua viabilidade a partir de critérios de eliminação para que ele contribua no objeto do ensino de língua materna no ensino fundamental, esses que são defendidos inclusive nos PCN (1998) sendo necessário para tanto que ele: 1. Esteja isento de erros conceituais graves; 2. Abstenha-se de preconceitos discriminatórios e, mais do que isso, seja capaz de combater a discriminação sempre que oportuno; e 3. Seja responsável e eficaz, do ponto de vista das opções teóricas e metodológicas que faz, de tal forma que o programa declarado no livro do professor não só se configure como compatível com os objetivos do ensino de língua materna, como também que seja corretamente efetivado livro do aluno.

Para atingir esses objetivos, o LDLP deverá responder a novos direcionamentos didáticos do ensino de LP, o discurso, regras de letramento, a língua oral, textualidade, diversas gramáticas produzidas pela língua e etc. (EGON, 2000). Portanto, é notória a necessidade de acompanhar de perto, a formação identitária nos livros didáticos. Podemos utilizar a Análise Crítica do Discurso para se pensar isso. O LD é um eficaz instrumento para construção de identidades. A seguir vamos adentrar em um dos conceitos chaves da ACD, uma vez que é a partir da intertextualidade que segundo Fairclough (2001), a produtividade dos textos acontece, pois, a intertextualidade demonstra que os textos podem reestruturar textos anteriores, desse modo promovendo a mudança social rearticulando convenções.

INTERTEXTUALIDADE

Bakhtin afirma que a intertextualidade está no fato de que a produção de um texto se dá em uma cadeia complexa de outros textos Bakhtin (apud KOCH, 2008). Para que o leitor possa perceber esta presença de outros enunciados em um, em específico, este necessita de um arcabouço de leituras. O processo de entendimento e produção de sentidos exige isso. Logo, a intertextualidade ocorre quando determinado texto está inserido em outro (intertexto) previamente produzido. Devendo fazer parte de uma memória social coletiva. A intertextualidade é o substancial constituinte e constitutivo do processo de escrita/leitura, assim, essa precisa abranger o conhecimento que o interlocutor tem de outros textos e suas

relações intertextuais. Pois, as várias maneiras de produção/recepção de qualquer um texto vão depender desse conhecimento para ocorrer (KOCH, 2008).

Num determinado texto, há posicionamento de várias vozes. É o uso da polifonia que é entendida por Bakhtin, como as vozes do locutor que são utilizadas no texto para reforçar a hegemonia. São evidenciadas através de aspas para indicar a presença de polifonia. Desse modo é possível distanciar a voz do autor, ou do enunciador do texto, da voz externa. Esta voz externa pode ser utilizada como hegemônica no texto. E outras são colocadas apenas para serem negadas, assim demonstrando que há textos que não são abertos à diferença, como observa Rezende (apud RESENDE e RAMALHO, 2013).

É preciso saber que nem sempre as diversas vozes que permeiam o texto são evidenciadas. Neste caso, justifica-se um uso das vozes, ou instâncias discursivas, que funcionam hegemonicamente no texto de forma tácita. Uma análise intertextual visa perceber as consequências dessas diversas vozes. Qual a depreciação ou valorização do dito, destacando a voz que atua como dominante no texto. Lançando assim luz às questões do uso do poder na linguagem. Quando em um determinado enunciado o texto fonte aparece de forma explícita, deve-se observar se é devido a uma função argumentativa, isto é, se o autor traz à tona autoridades como fundamentação para seu discurso. A intertextualidade também pode se dá pelo viés implícito, desde que se use um texto, sem explicitar sua fonte, mas que faz parte do conhecimento coletivo, resgatando-lhe a orientação argumentativa. Logo, a produção de sentido deve ocorrer a partir do diálogo entre os textos em função da retomada implícita a outro(s) texto(s), desse modo, são produzidos propositalmente os efeitos de sentido de acordo com o manejo que o produtor do texto faz do texto alheio em seu próprio texto (KOCH, 2008). Existe uma relação entre a intertextualidade e a hegemonia, vale ressaltar a importância disso, pois, apesar de a produtividade de novos textos gerados através da intertextualidade ser uma peça fundamental para a mudança social, isto é acessível a todas as classes. Pois, a inovação textual vai ser orientada pelas relações hegemônicas que a restringem socialmente sendo subordinada às relações de poder, observemos:

A relação entre intertextualidade e hegemonia é importante. O conceito de intertextualidade aponta para a produtividade dos textos, para como os textos podem transformar textos anteriores e reestruturar as convenções existentes, (gêneros, discursos) para gerar novos textos. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 135)

Dentro da perspectiva apresentada por Fairclough (2001), a intertextualidade é apresentada como manifesta, quando há recorrência a outros textos específicos para composição de um em especial, sendo esta busca explicitada. O autor trata de formas de relações intertextuais, as quais nomeia respectivamente de *Intertextualidade Sequencial*, dentro dessa categoria as diferentes tipologias de textos ou de discursos se mesclam dentro de um texto. *Intertextualidade encaixada*, nesse caso um tipo de tipologia textual está claramente contido dentro de um texto, e por fim uma última categoria de *intertextualidade manifesta* é a mista, que inclui tanto diferentes tipologias de textos dentro de um texto quanto uma tipologia em um texto em específico simultaneamente, sendo que nesse caso tipos de textos estão cindidos de maneira mais complexa ao ponto de não ser de fácil separação, isto é, apresenta-se por uma *representação do discurso, pressuposição, negação, metadiscurso e ironia*.

Considera-se que a intertextualidade se manifesta quando outros textos estão presentes dentro daquele que está sob análise, assim, neles há de forma explícita marcada ou mesmo sugeridas na superfície do texto, à exemplo as aspas. Porém, há a possibilidade de um texto está inserido em outro sem estar explicitamente marcado ou sugerido, ainda assim encontrar resposta a outro texto, através da forma expressa o próprio texto (FAIRCLOUGH, 2001). O autor se utiliza do sentido de intertextualidade de modo geral, isto é, faz apenas uma distinção entre a intertextualidade manifesta e a constitutiva, para tanto faz uso do termo *interdiscursividade* em caso de *intertextualidade constitutiva*. Faremos uso das definições propostas por Fairclough (2001) para as tipologias de intertextualidade, isto é, elencamos a intertextualidade manifesta para fazê-la ferramenta para executar a análise de nosso corpus, para descobrirmos como se dá a representação, que pode ser por pressuposição, negação, metadiscurso ou ironia. A intertextualidade é uma ferramenta constituinte e constitutivo do mecanismo de escrita/leitura (KOCH, 2008) e como já dissemos anteriormente é no processo de leitura e escrita que o discurso é posto em ação, assim é um meio eficaz para execução deste estudo. O discurso funciona como um organizador social, pelo qual nós agimos sobre o mundo, bem como sobre outrem. Assim o discurso é elencado como linguagem em prática socialmente constitutiva, através dele a estrutura social é moldada, limitada, normatizada, como também são configuradas relações, identidades e todas instituições sociais que lhe são subordinadas. O discurso deixa de ser uma mera representação do mundo para ser uma prática

social, formando e constituindo seu significado (FAIRCLOUGH, 2001). Segundo Fairclough (2001), na definição de discurso, pode-se vislumbrar a ação do ator social sobre o mundo e a sociedade, pois o discurso é um elemento da vida social permeado por outros. O autor destaca três pontos constitutivos do discurso, primeiro como atuante na formação das “identidades sociais”, este mesmo termo pode também aparecer cunhado de “posições do sujeito” para os “sujeitos” sociais e tipos do eu. No segundo ponto, define as relações sociais, já no terceiro contribui para a construção de ordens de conhecimento e crenças. Estes efeitos estão imbricados nas funções da linguagem identitária, relacional e ideacional. A primeira das funções da linguagem para esta pesquisa requer uma maior atenção, pois, enfatiza como as identidades sociais são efetivadas no discurso vejamos:

A função identitária relaciona-se aos modos pelos quais as identidades são estabelecidas no discurso, são representadas e negociadas, a função ideacional aos modos pelos quais os textos significam o mundo e seus processos, entidades e relações. As funções identitária e relacional são reunidas por Halliday (1978) como a função interpessoal. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 92).

Na função identitária, o discurso contribui para a construção ativa de relações sociais. A função textual diz respeito à maneira como as informações são organizadas e relacionadas no texto. Desse modo, as pessoas são capazes de fazer escolhas sobre o modelo e a estrutura de suas orações que são sobretudo escolhas sobre o significado (e a construção/manutenção ou subversão) de identidades sociais, relações sociais e conhecimento e crença (FAIRCLOUGH, 2001). A ênfase na construção discursiva da identidade configura a importância da função identitária da linguagem, porque os modos de construção e categorização de identidade em uma dada sociedade refletem em seu funcionamento no que concerne às relações de poder, à reprodução e à mudança social (FAIRCLOUGH, 2001). A partir do momento que o discurso é encarado sob a ótica da *prática social*, consideram-se também os aspectos entre atividades coletivas geradas por sistemas específicos. A partir da interação entre esses conhecimentos e o acompanhamento reflexivo da atividade humana, Chouliaraki e Fairclough (apud RESENDE e RAMALHO, 2013) intuem que esta flexibilidade que está subordinada à ação foi exteriorizada na pós-modernidade, assim sendo, as ações humanas se valem dessas flexibilidades.

O discurso internaliza tudo o que acontece nos outros momentos das práticas sociais como pontua Harvey (apud RESENDE e RAMALHO, 2013) como parte da ação e na construção reflexiva da vida social, que também, reconhece o valor do trabalho socialmente transformador do discurso. Logo, do contato intenso com as mídias, os indivíduos têm acesso a novos tipos de materiais simbólicos, podendo estes ser perfeitamente incorporados à sua autoformação. Estas formas simbólicas quando interpretadas são incorporadas na compreensão que o ator social tem dos outros e de si mesmo, sendo verdadeiras ferramentas para a autorreflexão e reflexão. (RAMALHO e RESENDE, 2013). Trazendo à tona os efeitos da modernidade tardia Stuart Hall (2015) aponta para a globalização como agente de mudança no compete às identidades em especial a cultural, isto é, a partir dessa constante mudança de forma rápida “as identidades não são fundamentalmente propriedades privadas dos indivíduos, mas construções sociais, suprimidas e promovidas de acordo com os interesses políticos de ordem social dominante” (KINZINGER apud MOITA LOPES, 2003, p. 13).

Um dos principais motivos das identidades serem alvo das mídias, bem como dos centros acadêmicos, é pelo fato das mesmas estarem em crise, pois, as mudanças culturais, políticas, econômicas e tecnológicas as estão afetando diretamente. Portanto, existem novas formas de viver, novos estilos, várias formas de organização social (MOITA LOPES, 2003). Já não se fala mais de identidade como no sujeito cartesiano, mas de identidades. O termo no plural é atualmente, na pós-modernidade, capaz de abranger as identidades (STUART HALL, 2015) como podemos ver:

Para aqueles teóricos que as identidades modernas estão entrando em colapso, o argumento se desenvolve da seguinte forma: um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que no passado, nos tinha fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Essas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia temos nós próprios como sujeitos integrados. (STUART HALL, 2015, p. 10).

Existem nas práticas de nossas praxes especulações acerca de modos de se viver, isto é, a vida social está influenciando a nossa visão das classes sociais, de gênero, da sexualidade, e etc. de modo geral, de quem somos. Com aumento de internautas, ou seja, pessoas em contato cada vez mais expostas a conteúdo simbólico, possuindo ainda meios midiáticos que contribuem efetivamente para ampliar questionamentos, em torno de assuntos antes

ignorados, pois, podemos observar uma crescente multiculturalidade que antes nos fugia aos olhos. Grupos gays, feministas, entre outras minorias estão presentes em nosso cenário político, social e etc. (MOITA LOPES, 2003).

Se nota facilmente os papéis assumidos pelas mulheres em nossa sociedade atual, alterando inclusive a forma organizacional das famílias, assumindo horizontes destinados aos homens, tanto na vida pública quanto na vida privada. Desse modo, elas têm rompido com o legado histórico produzido pelo machismo e obviamente gerando ecos em sua própria formação identitária (MOITA LOPES, 2003). Adiante trataremos de intertextualidade, termo que foi muito enfatizado em Fairclough (2001), pois, é segundo ele a intertextualidade que promove a mudança social, uma vez que é a partir dela que os textos vão sendo moldados dentro da prática social a que está vinculando assumindo naturalmente a perspectiva particular do grupo.

As análises que seguem neste tópico são realizadas a partir da ideia de *intertextualidade manifesta*, em que há manifestação intertextual pode ser por intermédio da *representação do discurso*, ou mesmo por *pressuposição, negação, metadiscurso e ironia*. O texto abaixo se refere à representação de uma narração de uma adolescente de quinze anos na categoria narrador-personagem, em que a jovem constrói no decorrer do Texto I uma pequena biografia. A identidade feminina é construída através de elementos intertextuais que vão acionando memórias discursivas sociais em nós. Essas construções reproduzem uma ideologia de como pode ser uma adolescente, ou mesmo uma mulher. Podemos perceber isso no enunciado “naturalmente gosto de um menino que não gosta de mim”. A expressão “naturalmente” aciona a ideia de uma naturalização nos levando a ideia de que na adolescência existem conflitos do tipo existenciais do tipo “ninguém gosta de mim”. Além disso, em outro trecho, há uma ênfase na preocupação estética “toda vez que eu tenho uma festa me nasce uma espinha no nariz”, também apontando para estereótipos de adolescentes, principalmente de meninas. A seguir vamos adentrar nas análises realizadas pelo viés da intertextualidade.

Para escrever com técnica

O NARRADOR

Leia os dois textos a seguir.

TEXTO I

Meu nome é Maria Emília. Tenho quinze anos. Que barra, hein? Naturalmente eu gosto de um menino que não gosta de mim, toda vez que eu tenho uma festa me nasce uma espinha no nariz e no colégio eu vou mal em matemática.
 Minha mãe me acha malcriada, meu pai me acha gênio.
 Eu odeio verduras em geral e espinafre em particular.
 Se gosto de alguma coisa?
 Claro! Eu gosto do Titãs, da Marisa Monte e do Tom Cruise.
 Sou louca por bombom de cereja, filme de terror e revista de fofoca.
 Televisão? Mais ou menos... Quer dizer, eu adoro, mas às vezes me enche um pouco.
 O que eu gosto mesmo, que nunca me cansa, é ler.
 Já li todos, quer dizer, quase todos os livros da Agatha Christie, adorei *Alice e Ulisses*, *Porcos com asas* e *Cronópios e famas*. E, outros livros, também, que eu bem que gosto de *best-sellers*...

Avenida Guadalupe

(Ruth Rocha. *O mistério do caderninho preto*. 9. ed. São Paulo: Ática, 1998. p. 9.)




Figura 1: Ruth Rocha. Para escrever com técnica (Coleção Português Linguagens 7º ano, 2012, p. 22).

Nesse fragmento em especial, percebe-se um direcionamento ao feminino, por se tratar de uma questão de estética, em que a mulher é vista como delicada, que deve estar sempre pronta e disposta a estar bela para o homem (para público em geral), bem como, ser orientada pelo emocional, sensível, bela e etc. (CORACINI, 2003). Pode-se notar o discurso machista implicitamente sendo acionado, em uma outra partícula do texto que o reproduz “no colégio vou mal em matemática” apesar de não generalizar se está representando uma figura feminina, isto é, o homem é caracterizado por racionalidade lógica, precisão, “homem-público-ativo-poderoso-guerreiro-racional” (CORACINI, 2003, p. 91), portanto deve ir bem em matemática. Já a mulher, que por sua vez deve ser sensível, delicada como sendo “mulher-doméstica-passiva-fracá-impotente-pacifista-emocional”, (CORACINI, 2003, p. 91) é caracterizada a outra área, a humana, a exemplo no texto “o que eu gosto mesmo é de ler”. Podemos destacar uma construção da identidade feminina de forma mais ampla, pois, são contemplados gostos musicais os mais variados possíveis a exemplo: a banda de rock Titãs, e a cantora Marisa Monte que se configura como Pop Rock, percebemos no trecho “Eu gosto dos Titãs, [...] da Marisa Monte”.

Desse modo, podemos perceber um avanço no sentido de que a mulher é atribuído o gostar de filmes de terror, isto é, (des)contrói um estereótipo que o feminino deve ser sensível,

pois, é um desafio de coragem entre os jovens assistir a essa categoria de filmes, sendo assim, algo importante, mais de uma identidade sendo atribuídas a mulher.

Ainda é possível perceber a marca de estereótipos, a exemplo, revista de fofocas, é mais um dos estereótipos, a mulher que fica em casa para cuidar do marido por que não possui outras ocupações, portanto “gosta” de fofocar, isso tanto atribuído ao feminino que é comum escutar jargões, tais como, “mulher fofoqueira já é feio, mas um homem!”. Quer dizer ao feminino ainda se admite esse tipo de comportamento, já ao masculino não; se percebe isso no trecho “filme de terror e revista de fofoca”.

TEXTO 2

Alice estava começando a se aborrecer de ficar sentada ao lado de sua irmã numa elevação do jardim, sem nada para fazer. Dava uma ou outra olhadela no livro que sua irmã lia, mas implicava:

— De que serve um livro sem figuras nem diálogos?

Cheia de preguiça, por causa do calor do dia, ela se perguntava se o prazer de fazer uma coroa de margaridas valeria o esforço de levantar-se e colher as flores, quando de repente um coelho branco de olhos cor-de-rosa passou correndo junto dela.


Nada havia de **muito** estranho naquilo. Nem Alice achou assim tão esquisito quando ouviu o Coelho dizer para si mesmo:

— Oh meu Deus! Eu vou chegar muito atrasado!

Mas, quando ele **tirou um relógio do bolso do colete** , olhou-o e se apressou, Alice se levantou, dando-se conta que nunca antes havia visto um coelho nem com colete e nem com um relógio no bolso. Ardendo de curiosidade, seguiu-o correndo, a tempo de vê-lo penetrar numa larga toca sob a cerca.

E lá se foi Alice, descendo atrás do Coelho, sem jamais considerar como faria depois para sair dali.

(Lewis Carroll. *Alice no país das maravilhas*. Texto em português de Nicolau Sevckenko. São Paulo: Scipione, 1986. p. 9.)



Walt Disney Pictures/Diomedea

Cena de Alice no país das maravilhas, de Tim Burton.

Figura 2: Lewis Carrol. Para escrever com técnica (Coleção Português Linguagens 7º ano, 2012, p. 22).

Já o texto II que é uma sugestão de segunda leitura, se configura como recorte que o LPDP traz em uma reprodução literal do Livro: Alice no país das maravilhas de Lewis Carroll, a narrativa se caracteriza por um Conto Maravilhoso, “fábulas que se conta às crianças para diverti-las” (GOTLIB, 2006, p. 17) em que ocorrem manifestações sobrenaturais, mas que são entendidas como algo aceitável, pois, admite-se em uma narrativa maravilhosa que “as personagens, lugares e tempos são indeterminados historicamente: não tem precisão histórica” (GOTLIB, 2006, p. 18) pois, no conto maravilhoso é narrado aquilo que deveria acontecer satisfazendo os desejos humanos, as coisas acontecem como gostaríamos, contrapondo-se à realidade, é uma fundamental característica dos contos de fada.

Apesar de ser um conto de fadas o livro é filosófico podendo evidentemente ser lido por diversos públicos, inclusive o adolescente, pois, trata de questões relevantes como o crescer, as mudanças no corpo, e até conflitos de identidade.

Alice se perde em seu mundo interior, e se encontra impotente diante das situações apresentadas, pois, ora é capaz de decidir e enfrentar ora se recolhe e silencia, podemos verificar respectivamente isso nos trechos “E lá se foi Alice, descendo atrás do coelho, sem jamais considerar como faria depois para sair dali” (CARROL, 2002 p. 9) demonstrando ser destemida e inconsequente e em “Alice não disse nada, apenas sentou-se com o rosto entre as mãos, pensando se algumas coisas aconteceria de maneira normal novamente” (CARROLL, 2002 p. 102) esse último trecho não é abordado pelo LDLP, mas, é encontrado na obra. Podemos perceber a figura feminina que também se mostra capaz de enfrentar medos ser guerreira lugar e ao mesmo tempo ser frágil, delicada, sendo assim, uma leitura importante e positiva que não apresenta uma visão unilateral do ser mulher.

O texto também traz o discurso sexista à medida que se refere ao personagem feminino Alice a caracterizando-a por ser a delicada, isto é, colhe flores, percebemos isso no trecho “fazer uma coroa de margaridas um colar de margaridas [...] colher as flores” adentrando ainda mais numa construção para o feminino quando há descrição do coelho “um coelho branco de olhos cor-de-rosa” a cor rosa é uma característica imposta ideologicamente ao universo feminino, pois, faz menção a rosa, a flor de pétalas delicadas que tem doce perfume, possui fragilidade e beleza, sendo assim, voltada para estética. O próprio coelho é um animal sensível, delicado, reforçando, igualmente, o lado emocional, todas essas características estão no nível da superfície do texto, sendo esta uma característica da intertextualidade manifesta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esses estudos orientados sob a égide da ACD têm demonstrado como a identidade é trabalhada ainda pelo viés oculto das ideologias de bases patriarcais, e que por isso ainda as reproduzem estereotipadas. Entretanto, vale ressaltar que também existe um desenvolvimento das diversas identidades, portanto se faz necessário formar os atores sociais de forma crítica,

afim de que possam produzir transformações sociais. Identificamos que a mulher é representada através de aspectos intertextuais que acionam discursos sexistas através de nossas memórias discursivas, tais como, “homem-público-ativo-poderoso-guerreiro-racional” (CORACINI, 2003, p. 91), e a mulher como sendo “mulher-doméstica-passiva-fracamente-impotente-pacifista-emocional”, (CORACINI, 2003, p. 91). Como notamos na figura 1, a adolescente que vai mal em matemática e que se preocupa em estar bela. Porém, a mesma assume identidades que contraditórias entre si, gosta de rock e de filmes de terror. Também temos presentes no LDLP a reprodução literal do fragmento de um conto de fadas, Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carrol, presente na figura 2, no qual encontramos a representação do ser mulher na personagem de Alice, que é delicada, pois, se ocupa de colher flores, mas esse conto de fadas vai além disso, pois não apresenta uma visão única do ser mulher, ela é uma aventureira, assim, percebemos que as identidades podem assumir diversas ideologias e o ator social se configura como sem ter uma identidade definida. Em contato direto com jovens o LDLP lhes inculca formas de ser e de agir, legitimando ou não, formas de preconceitos e estereótipos em suas identidades, ou mesmo demonstrando novas formas de viver, ampliando suas perspectivas, isto é, do contato intenso com as mídias, os indivíduos têm acesso a novos tipos de materiais simbólicos. Podendo estes ser perfeitamente incorporados à sua autoformação, estas formas simbólicas quando interpretadas são incorporadas na compreensão que o ator social tem dos outros e de si mesmo, sendo verdadeiras ferramentas para a autorreflexão e reflexão. (RAMALHO e RESENDE, 2013). Portanto, cada indivíduo deve possuir uma formação cultural que o auxilie a ter acesso a diferentes modos de viver, ainda que homem ou mulher, pois numa dimensão básica de identidade é objeto de múltiplas representações. A ocupação deste estudo na investigação da construção identitária, além de contribuir à formação acadêmica do iniciante em pesquisa científica, possibilitou o desenvolvimento do projeto de TCC, pois, foram ampliadas as categorias analíticas, para desse modo, desenvolver este tema sob outras perspectivas, dentro de ideologias, pressuposições e metáfora, que se sustentam dentro do escopo da prática social.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CARROLL, Lewis. **Alice no país das maravilhas**. Editora Arara Azul, 2002.
- CORACINI, Maria José. **A celebração do outro: arquivo, memória e identidade**. São Paulo: Mercado das Letras, 2007.
- DIJK, Teun A. van. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2015.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e Mudança Social**. Brasília: Editora da UnB, 2001.
- FERRAREZI, Junior Celso. **Semântica para a educação básica**. São Paulo: Parábola, 2008.
- GOTLIB, Nádya Battella. **Teoria do Conto**. 7 ed. São Paulo: Ática, 2006.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.
- KOCH, Ingdore Villaça, ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2010.
- MOITA LOPES, Luiz P. da. Socioconstrucionismo: discurso e identidades sociais. In: Luiz P. da Moita Lopes (org.). **Discursos de Identidades**. Campinas: Mercado de Letras, 2003, p. 13-38.
- OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Estudos do Discurso: perspectivas teóricas**. São Paulo: Parábola, 2013.
- RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise do discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.